

«O Render dos Heróis»

No palco do Cinema Império, o Teatro Moderno de Lisboa testemunha, mais uma vez, a sua inegável e comprovada capacidade para realizar espectáculos de teatro de elevado nível artístico. A crítica da peça «O Render dos Heróis» que o talentoso escritor José Cardoso Pires publicou em 1960, está feita, mas entendemos ser nosso indeclinável dever, pelo amor que nutrimos pelo bom teatro, dedicar meia dúzia de linhas a este verdadeiro acontecimento teatral. E não sabemos, francamente, que mais exaltar, se a extraordinária interpretação de Rui de Carvalho, se a magnífica e invulgar encenação de Fernando Gusmão, se a unidade interpretativa da Companhia.

De qualquer modo, somos levados a concluir que estamos em presença dum espectáculo de teatro que dignifica nitidamente a Companhia que o realizou. E no caso presente, tratando-se de um original português mais se acentua a nossa satisfação. José Cardoso Pires escreveu uma peça que é uma épopéia viva da história portuguesa dos anos de 1846 e 1847.

Fernando Gusmão pegou no texto e recriou-o no palco de maneira admirável, resolvendo com esclarecida lucidez todas as dificuldades da obra. As soluções encontradas para erguer «O Render dos Heróis» em válidos termos teatrais, atestam sem sombra de dúvida a cultura e a sensibilidade do encenador genial.

A iluminação, os efeitos sonoros, o ritmo de representa-

ção, toda a marcação de efeitos plásticos perfeitos, dizem bem da preocupação e do gosto que informaram o trabalho notável deste autêntico realizador de teatro.

Rui de Carvalho encheu o palco com o seu talento, no papel de «cego». Que magnífica interpretação! Rui, foi grotesco e dramático, alegre e revoltado, cantou, dançou, mimou, representou como grande actor que é. Um actor que se encontra na posse de todos os seus recursos, que comunica, encanta e entusiasma os espectadores. Rogério Paulo conseguiu vencer e superar brilhantemente todas as dificuldades do personagem que teve de desempenhar. José Amaro e Jaime Santos atingiram também nota alta num conjunto onde todos contribuíram decisivamente para o elevado nível da representação.

Um triunfo absoluto para o Teatro Moderno de Lisboa, em cujo elenco pontificam os nomes de Carmen Dolores, Maria Cristina, Fernanda Alves, Angela Ribeiro, Maria Schulze, Clara Joana, Tomás de Macedo, Morais

CARLOS FERREIRA

(Continua na 2.^a página)

CURSO DE BELAS ARTES

A Academia de Música e Belas Artes «Luísa Todi» vai promover a criação de um curso de Belas Artes, com o objectivo de desenvolver o gosto pela cênica local.

DE TEATRO

(Continuado da 1.^a página)

e Castro, Carlos Cabral, Armando Caldas, Luís Cerqueira, Rui Mendes e outros.

Octávio Clérigo desenhou os cenários e os figurinos, e diga-se em abono da verdade que o fez com saber e arte; a sua intervenção enriqueceu o espectáculo.

A Fundação Gulbenkian deve sentir-se satisfeita por subsidiar uma Companhia que luta pela elevação do Teatro em Portugal. Oxalá o público saiba compreender o esforço de quantos tornaram possível este extraordinário e válido momento de autêntico teatro.

A todos, os nossos modestos e sinceros parabéns.

C. F.